



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 49

Ficar o pé

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Um tempo atrás, eu conversei com a Tailane Muniz sobre uma viagem que ela fez pro interior da Bahia. A Tailane desembarcou na rodoviária de uma cidade chamada Tucano.

Tailane Muniz: Eu cheguei lá e pensei: “é, de fato deve ser cidade bem pequena”.

Branca Vianna: Como é que é a cidade?

Tailane Muniz: Tucano fica a pouco mais de 250 quilômetros de Salvador. Tucano tem cerca de 50 mil habitantes, segundo o último censo. Uma cidade com aquele ar de tranquilidade, assim, de praça à noite, de pessoas caminhando. Tipo assim, cê andando pela cidade, você vê pessoas - mulheres, homens - caminhando com aves a tiracolo, assim, galinha, a tiracolo, como se fosse uma bolsa, assim.

Branca Vianna: Como é que é? Andar com ave a tiracolo, galinha?

Tailane Muniz: É! E aí eu: "Gente!" Eles compram, e aí levam para casa e eles mesmos matam e comem o bicho. A galinha viva, o galo vivo.

Branca Vianna: Tava na hora do almoço quando a Tailane desceu do ônibus lá em Tucano. As aves já deviam tá todas na panela. E assim que ela deu o primeiro passo na rua, ela sentiu uma coisa que muitas vezes a gente sente quando tá numa cidade tipo essa.

Tailane Muniz: Se você não é de lá, as pessoas sabem que você não é de lá. Que você é um estranho ali. Eu me senti assim em todos os dias em que eu estive lá.

Branca Vianna: Só que a Tailane sentiu que esses olhares não eram só de curiosidade, porque tinha chegado uma forasteira. E ela percebeu isso logo no primeiro contato que ela teve com um cidadão tucanense.

Tailane Muniz: Branca, eu estive num restaurante para almoçar, e, assim, esse restaurante foi uma escolha muito aleatória mesmo, foi porque já era meio tarde... e lá me orientaram que eu tinha que escolher algum lugar pra almoçar até umas duas horas, porque depois disso não tem mais lugar para almoçar. Entrei, e como não tinha mais ninguém lá, o dono do restaurante me atendeu e encaminhou o meu pedido. E aí começou a conversar comigo, assim.

Branca Vianna: O papo começou normal. Amenidades, comida, e tal.

Tailane Muniz: E aí, do nada, a gente tava conversando sobre esse tipo de coisa, e do nada ele falou assim "Ah, mas Salvador tá super violenta". Aí eu falei assim: "Nossa, demais!" E aí ele: "Ah, mas aqui em Tucano é muito tranquilo, aqui é muito tranquilo. A polícia aqui em Tucano é muito incrível. O comandante daqui já falou que aqui bandido não se cria, ele tem as rédeas da situação da cidade". Aí eu falei assim "Ah, entendi, o senhor conhece ele?" Ele: "Claro..." Porque eles são vizinhos, o restaurante fica perto do Batalhão, que fica perto da delegacia. Então há uma convivência mais próxima, assim. Normal, nas cidades pequenas. Mas aí ele começou a me fazer mais e mais perguntas, e aí eu comecei a ficar muito nervosa. A

mulher dele começou a falar sobre segurança e tal. E aí eu instintivamente falei algumas coisas também. E aí ele: "você sabe muito sobre isso, né? Mas e aqui em Tucano, e aqui em Tucano você veio fazer o quê mesmo?" "Você está hospedada em tal hotel, né?" E era exatamente onde eu estava. Tudo bem que tem poucos hotéis na cidade, acho que tem uns três. Mas tudo soou tão estranho naquela conversa que eu falei assim "Nossa, será que o pessoal do hotel falou pra ele que eu estou lá? Terminei de almoçar com pressa e tal. Aí ele pediu meu número, eu inventei uma história, peguei o número dele e saí. Eu fiquei muito ansiosa depois disso, porque era um homem que claramente tinha contatos na polícia.

Branca Vianna: Nossa.

Tailane Muniz: Eu estava numa posição de insegurança, insegurança física mesmo. Eu senti medo em Tucano.

Branca Vianna: A Tailane não foi pra Tucano pra fazer turismo rural. E também não era que ela tava viajando escondida, ou disfarçada, não era nada disso.

Tailane Muniz: Eu sou Tailane Muniz, sou jornalista, repórter aqui em Salvador. Em paralelo a isso, eu coordeno o Instituto Fogo Cruzado aqui na Bahia, um instituto de dados abertos sobre violência armada. Eu fui pra Tucano pra apurar uma história.

Branca Vianna: A história que a Tailane foi apurar foi a história do Pedro Henrique Santos Cruz. E é essa história que a gente vai contar no episódio de hoje do Rádio Novelo Apresenta.

Logo que ela chegou em Tucano, a Tailane percebeu que aquele clima estranho que ela sentiu na chegada não era só pra quem vem de fora.

Davi: Aqui que era a área dele, no Cruzeiro, aqui ele era querido demais, dessa galera toda aí. Mas, tipo, ninguém quer falar. Fica com medo, tá ligado?

Branca Vianna: O Davi é o irmão do Pedro Henrique, e ele foi o “guia” da Tailane quando ela teve em Tucano.

Davi: Mas se não fosse isso, podia chamar os menino tudo ali, as mãe de família nas casas... Só que ficam com medo.

Tailane Muniz: Então, é uma cidade que... onde há medo. As pessoas têm medo de comentar. Mas o medo que eu sentia era de de repente alguém saber quem eu era e por que que eu estava lá. E de me ver junto com os familiares de Pedro, por exemplo. Eu precisei procurar pessoas depois que eu voltei pra Salvador, por outros meios.

Ana Maria: Como eu descreveria Pedro? Pedro é um jovem como qualquer outro. Gostava muito de música. Pedro tinha um talento nato para o desenho e para a pintura. Artesanato, também.

Branca Vianna: A Tailane falou com a Ana Maria num estúdio em Salvador.

Ana Maria: Eu sou a Ana Maria Cruz, mãe do Pedro Henrique. Pedro é o filho do meio. Nasceu Davi e depois nasceu Pedro. Pedro nasceu no Dia dos Pais. Ele nasceu em 9 de agosto, um domingo. Eu faxinei, fiz faxina o dia todo na casa. Aí, quando terminei a faxina à tarde, senti dores. Não deu tempo de ir pra maternidade. Pedro nasceu em casa, lá no nosso apartamento mesmo.

Branca Vianna: Isso foi em 1987.

Ana Maria: Minha irmã que fez o parto. E aí a gente teve que ir para o hospital. E lá foi detectado que ele estava com icterícia. Ele ficou internado uns dias no hospital depois que voltou. Então Pedro sempre foi um menininho assim, bem magrinho, frágil, assim, um pouco mal humorado. Não queria ficar longe de mim pra nada, era muito apegado.

Tailane Muniz: Bom, a Ana Maria é uma mulher, professora, funcionária pública de 57 anos, ela nasceu em Tucano e ela vai para Salvador, vem para Salvador para estudar.

Ana Maria: Eu me lembro que eu estudava na UFBA e eu deixava ele na creche da UFBA. Ele chorava quando eu deixava ele na creche. Quando eu voltava, ele chorava também de emoção de me ver. Mas na adolescência ele já mostrou sinais da personalidade dele. Na adolescência, Pedro gostava muito de rap, de reggae e aprendeu a gostar de MPB porque o pai dele fazia algumas produções de show.

Branca Vianna: O nome do pai do Pedro é José Aguiar.

Tailane Muniz: José Aguiar, que é um homem que ele não estudou, mas ele é ele é bastante conhecedor das coisas, ele é um cara que por muito tempo vendeu discos no centro histórico, no Pelourinho, no centro histórico de Salvador.

Ana Maria: Trabalhava com o disco, vinil, venda. E aí Pedro ficou nesse universo, assim. Ele gostava muito de MPB, trabalhou um tempo com o pai. E aí, quando o meu marido se aposentou, ele preferiu ir pro interior.

Branca Vianna: O Aguiar, marido da Ana Maria, pai do Pedro Henrique, se aposentou e foi embora pra Tucano...que era a cidade dela, da Ana Maria.

Ana Maria: Ele não foi pra cidade dele, pra terra dele. Foi pra minha, pra Tucano, foi morar lá. E aí Pedro começou a ir pra Tucano. O pai lá, ele começou a ir para Tucano. Ele gostou de Tucano.

Branca Vianna: Isso foi em 2012. O Pedro tinha 25 anos. O pai dele tava lá, o Davi – irmão do Pedro – também... e o Pedro ia sempre visitar.

Ana Maria: Sempre que ele podia, ele estava lá. E aí ele ficou gostando de Tucano, fez amizades, amigas, e tem muito primo lá, porque a nossa família é toda de lá, a minha...

Branca Vianna: O Pedro Henrique descendo do ônibus vindo da capital, com alguma camiseta de banda, de MPB ou de reggae... Nas viagens pro interior, o Pedro vivia uma situação um pouco parecida com aquela que a Tailane experimentou ali, chegando em Tucano.

Tailane Muniz: Ele certamente era visto como alguém— como um peixe fora d'água. Ele era uma pessoa que devia despertar uma atenção das pessoas. E é o que a família dele diz.

Ana Maria: Ele já tinha o cabelo grande, de dreads.

Tailane Muniz: Um jovem negro, rastafári e ele tinha uma proximidade muito grande com o Bob Marley, enfim, com essa cultura. Inclusive deixando o cabelo dele rastafari. A família até fala que foi um problema porque ele tinha o cabelo liso. Porque é assim: os dreads, eles precisam... que é basicamente um penteado, um emaranhado do cabelo, e como o fio dele era muito fino, dava trabalho pra fazer sozinho, pra administrar sozinho. Então Davi, que é o irmão dele, conta que nessa época ele ficou muito chateado porque o cabelo dele dava um trabalho grande para poder ficar do jeito que ele queria. Mas mesmo assim ele foi lá e ficou insistindo nisso.

Davi: Era preciso colocar sabão, um monte de coisa... Sei que ele conseguiu e ficou “rasta”.

Tailane Muniz: E aí acabou que ele conseguiu os dreads dele, enfim, bancava isso e achava o máximo. Só que em Tucano, uma cidade pequena, não era uma coisa comum. As pessoas olhavam com muito, com muito estranhamento, assim.

Ana Maria: No interior, as pessoas olham com espanto.

Davi: Com certeza, foi isso que motivou essa perseguição.

Tailane Muniz: A família dele acredita muito que o visual dele, que a maneira como ele se vestia, se portava, que isso foi determinante para que ele sofresse já de cara, assim, esse tipo de situação, que foi essa de 2012.

Branca Vianna: No dia 31 de outubro de 2012, o Pedro tava em Tucano pra ir numa festa com uns amigos dele. Ele tava na frente da casa do pai dele, quando passaram uns policiais.

Ana Maria: Uma viatura viu ele e mais dois rapazes na frente da casa, e aí parou para abordar. Mas já veio chutando as coisas que estavam perto dele, e um copo. Era a festa do Monte Santo. É uma festa religiosa que tem em Monte Santo. Pedro queria conhecer muito essa festa. Não conhecia. Ele estava ali esperando justamente a condução pra ir. E aí teve essa abordagem.

Tailane Muniz: E ele foi abordado, ele foi levado para um bairro vizinho, ele foi agredido fisicamente... e ele foi tratado como uma pessoa suspeita.

Ana Maria: Ele foi espancado. Tinha que dizer o que é que ele estava fazendo na cidade, de onde ele era, que ele era fugitivo.

Tailane Muniz: Disseram que Pedro estava ali a serviço de alguma facção criminosa, falaram coisas nesse nível, nessa linha.

Davi: Foi um tenente que pegou ele na frente da casa do meu pai, espancou ele, tirou foto, bateu nos amigos dele que vieram de Salvador; pegou ele e botou em viatura; levou na casa da amiga que andava com ele em Tucano, bateu na mulher na frente dos filhos – muita coisa! – e depois largou ele na rua...

Ana Maria: Aí começou a juntar muita gente na rua.

Tailane Muniz: E Pedro não teve, segundo os relatos, chance de se mostrar, de se explicar, de falar que ele era um jovem de Salvador, que estava ali porque o pai morava ali, enfim. Pedro ficou inconformado, porque ele não esperava. Em Salvador ele nunca tinha passado por isso.

Branca Vianna: Porque essa abordagem, pelo que eu entendi, ele estava, enfim, parado em frente à casa do pai e a polícia veio do nada, né?

Tailane Muniz: Exatamente.

Ana Maria: E aí depois desse espancamento, [...]

Davi: Foi daí que tudo começou.

Ana Maria: Pedro processou...contra os PMs.

Branca Vianna: O Pedro conheceu um lado que ele não conhecia da cidade da mãe dele.

Tailane Muniz: Como é que a senhora ficou sabendo dessa abordagem? Foi o próprio Pedro quem te contou? E o que ele te contou exatamente na época.

Ana Maria: Eu tava no trabalho. Acho que foi o pai dele quem ligou. E aí me contou o que aconteceu e eu orientei. “Olha, Aguiar, ele vai fazer assim. Vai na delegacia, acompanhe ele”.

Branca Vianna: Essa primeira ida do Pedro à delegacia já deu uma noção do tamanho do buraco.

Ana Maria: Quando eles estavam lá para registrar, inventaram mil coisas pra não ter registro. Disseram que não tem escrivão, que não tinha delegado. Retornaram sem conseguir o registro. E aí eu fui até o Depin, aqui em Salvador, o Departamento de Polícia do Interior. E conversei lá com alguém. Então ligaram para lá e pediram pra fazer o registro. Quando ele voltou pela

segunda vez, aí ele já ia registrar. Estava sentado, e o PM agressor chegou armado. À paisana, de short, e armado. E Pedro estava... Pedro ficou deformado. Ele tomou a coronhada no olho. O olho dele ficou enorme e ele estava até com vergonha. Ele estava com o pano cobrindo o rosto, com a cabeça baixa. O policial chegou e perguntou ao pai: "o que foi isso com ele?" E aí, quando Pedro ouviu a voz, Pedro levantou, disse: "Meu pai, foi ele que me agrediu, foi esse o policial que me agrediu". E aí ele queria fazer com que o policial desistisse de registrar. E o policial falou pra ele que não tinha o que fazer, porque já tinha recebido determinação para registrar.

Branca Vianna: Muita gente, no lugar do Pedro, teria decidido ir embora de Tucano. Dar um tempo nas visitas ao pai, ao irmão, aos novos amigos...

O Pedro tinha a vida dele em Salvador – ele tava fazendo um curso pra virar tatuador, já tinha os primeiros clientes...

E os PMs que espancaram ele iam continuar em Tucano. Circulando pelas poucas ruas da cidade – pelo menos enquanto o processo se desenrolava.

Ana Maria: A gente achou até que ele ia se afastar da cidade de Tucano por conta disso. Mas aconteceu exatamente o contrário.

Tailane Muniz: Só que ele decidiu que ele ia morar em Tucano, depois disso.

Branca Vianna: Em vez de meter o pé, o Pedro fincou o pé.

Tailane Muniz: A mãe dele diz que não entende muito bem o que foi que despertou isso nele. Pelo que eu ouvi de todas as pessoas que conviviam com ele, era genuíno o amor dele por Tucano. Ele amava a cidade.

Branca Vianna: Tinha o amor pela cidade... mas tinha outra coisa também.

Davi: Ele não... era uma pessoa que nunca gostou de nada errado. E ele não levava, não aceitava nada. Ele sempre contestava e acredito que ele quis morar aqui justamente por isso. Por esse – essa ideologia dele. Ele quis mostrar que ele não ia abaixar a cabeça.

Ana Maria: E depois desse episódio, ele soube de muitas coisas, muitas violências que aconteciam com os jovens de lá. E começou a ouvir as pessoas que sofriam violência policial.

Branca Vianna: O Pedro entendeu que o que aconteceu com ele não era um fato isolado. E ele não tinha ideia do que que ele podia fazer pra mudar isso.

Até que a ideia apareceu.

Tailane Muniz: Ele foi morar lá com o pai, com o Aguiar. Eles se davam bem em algum nível, mas eles tinham alguns embates, assim, de pai e filho.

Tailane Muniz: Gravando. Seu Aguiar, primeiro eu queria saber...

Branca Vianna: Quando a Tailane teve lá em Tucano, ela também conversou com o pai do Pedro Henrique, o José Aguiar.

José Aguiar: E foi quando eu alertei a ele dos problemas culturais da cidade: pessoas que aprovam tudo que a polícia faz, que têm medo de polícia, entendeu? O cara pode não ser bandido; mas, se a polícia está abordando, é porque a polícia está certa. Eu alertava ele disso: ele poderia vir para cá, mas que tivesse cuidado com certas coisas que...

Tailane Muniz: E aí Aguiar fala que a cidade de Tucano é uma cidade de pessoas muito preconceituosas. E aí ele aconselhou o Pedro, ele falou: “Ó, se você quiser que as pessoas acreditem em você, eu acho que você tem que chamar atenção de algum jeito.”

José Aguiar: Eu aconselhei ele a fazer a caminhada.

Tailane Muniz: “Assim, você pode fazer uma caminhada pra chamar atenção da comunidade e tal, pedir paz...” E ele decidiu que em 2013, já em seguida, ele já faria isso.

Branca Vianna: A “Caminhada da Paz”.

Tailane Muniz: [cont.] Tanto que a primeira edição acontece em fevereiro de 2013, alguns meses depois da primeira agressão, porque tinha a ideia de que: 'Nossa, como é que eu posso me aproximar das pessoas?', né, "De repente ajudando as pessoas?"

Branca Vianna: O Black Lives Matter, as marchas pelo fim da violência contra a população negra, eclodiram nos Estados Unidos a partir de julho de 2013. Quatro meses antes, o Pedro Henrique e o Aguiar tiveram uma ideia parecida, no sertão baiano.

Tailane Muniz: Essa ideia do senhor veio de onde?

José Aguiar: Veio dessa situação, porque ele não tinha como provar que era cidadão decente. Fazendo uma caminhada, ele poderia arrebanhar as pessoas – embora pessoas pobres que a polícia não acredita, mas tem pessoas pobres decentes aqui.

Branca Vianna: Quer dizer: quando o Aguiar levou essa ideia pro filho dele, ele tava bem antenado no zeitgeist... mas o que ele queria mesmo, mesmo, era mostrar pra cidade que o filho dele não merecia o tratamento que ele recebeu da polícia.

Ana Maria: Eu me lembro do tema da primeira caminhada, que era assim– é uma frase de Bob Marley, que dizem que é de Bob Marley: "Se todos derem as mãos, quem sacará as armas?" Foi esse o tema da primeira Caminhada da Paz de Pedro.

Tailane Muniz: E todos eles se envolviam muito, assim. Ana fazia a parte mais burocrática, ela quem comprava as camisas, a parte financeira era ela quem resolvia. E Pedro pensava os temas e tal.

Ana Maria: Então ele fazia caminhada ao som de reggae. Eu ajudava no que eu podia.

Letra de reggae: *“Precariedade na educação / fica mais difícil do pobre aprender”*

Ana Maria: Eu achava a coisa, assim, a coisa mais linda do mundo, eu achava. Principalmente no interior.

Branca Vianna: A Tailane me mostrou alguns vídeos das caminhadas da paz em Tucano.

Ana Maria: A gente não vê isso, a gente não vê esses movimentos no interior, não.

Branca Vianna: Centenas de pessoas pelas ruas, muitas crianças segurando balões brancos... Um trio elétrico tocando mensagens pedindo o fim da violência policial contra a população negra... Faixas dizendo coisas tipo: “Calar-se diante de uma injustiça não é ser da paz, é ser omissos”.

Tinha muita música... Cada caminhada tinha um tema e uma camisa, que o Pedro mesmo desenhava.

Tailane Muniz: E aí ele trocava essas camisas por alimentos e...

Ana Maria: No final da caminhada, formavam várias cestas básicas. E aí Pedro dava mais pelos povoados, aos arredores da cidade e os bairros mais distantes. E ele distribuía.

Tailane Muniz: ... distribuía nas comunidades mais pobres de Tucano.

Branca Vianna: Aos poucos, o Pedro virou uma referência em Tucano.

Ana Maria: Quando chegava perto era: "Pedro, vai ter caminhada?" E virou assim – como é que diz? – u+m objetivo mesmo.

Tailane Muniz: Pedro começou a conhecer outros jovens, a partir da primeira caminhada, que também tinham relatos parecidos, que também tinham experiências como as que ele tinha. Passou a dar o tempero que a caminhada precisava para que as coisas fossem mudar em Tucano nesse sentido. Representar esse inconformismo, sobretudo da juventude negra e das pessoas mais pobres de Tucano. Mas, em paralelo a isso,

Branca Vianna: Uhum.

Tailane Muniz: aquele processo começa a caminhar, assim, lá em Tucano, [...]

Branca Vianna: O processo que o Pedro abriu contra os policiais que agrediram ele.

Tailane Muniz: que é um sistema muito próximo, até fisicamente. A delegacia é vizinha do batalhão de Polícia, por exemplo.. que é vizinha da prefeitura. Então, tudo lá era muito compartilhado, digamos assim.

Branca Vianna: E o desenrolar do processo também foi esquisito.

Ana Maria: Inicialmente, o inquérito foi pra apurar tortura. O juiz mandou o inquérito aqui para Salvador, pra corregedoria. O inquérito sumiu. Eu mesma fui a Tucano. Providenciei a cópia do inquérito de novo, trouxe pessoalmente na Corregedoria. Quando retornei lá, não localizaram de novo o procedimento.

Branca Vianna: No fim, depois de o inquérito policial ter simplesmente desaparecido duas vezes, quando o processo finalmente chegou à Justiça, ele acabou ficando mais brando pros policiais envolvidos. Já não se falava mais em tortura.

Ana Maria: Quando o inquérito foi para a Justiça, lá descaracterizaram para lesão corporal, ficou mais leve.

Tailane Muniz: um policial que foi o policial tenente, tenente Alex, ele chegou armado no Fórum, de shorts de, enfim, com roupas casuais, e ele já chegou com tom ameaçador, segundo Ana Maria.

Ana Maria: o Alex, foi lá armado, disse o que quis a Pedro, ofendeu. Na frente do juiz, do promotor.

Tailane Muniz: Ele agia com ironia e ele falava coisas para Pedro, como "Ah, um maconheiro desse é ativista e tal".

Branca Vianna: Os policiais indiciados por espancarem o Pedro Henrique se chamam Alex Andrade e Sidiney Santana.

Ana Maria: O tenente e um soldado.

Branca Vianna: Outros dois agentes que assistiram à agressão sem fazer nada também foram investigados.

Tailane Muniz: Chegou no final, e aí, o que aconteceu?

Ana Maria: Quando terminou a audiência, o Alex Andrade na frente do fórum saiu rindo. Ele foi condenado a pagar uma multa, uma multa irrisória lá, mil e poucos reais. Saiu rindo e falou para Pedro: "Isso vai lhe custar caro". Realmente aí ele passou a perseguir Pedro gratuitamente.

Branca Vianna: A partir desse dia, o Pedro foi forçado a se habituar com uma nova rotina: a das abordagens na rua.

Ana Maria: Pedro sofria muita abordagem.

Tailane Muniz: Às vezes mais de três vezes no mesmo dia.

José Aguiar: Era abordagem todo dia. Já sabiam que era meu filho e tudo... Não tinha necessidade.

Ana Maria: Constantemente mesmo. Abusivamente, na porta de casa, na rua.

Tailane Muniz: E Pedro lidava com isso, representando no Ministério Público...

Branca Vianna: O Pedro tinha confiança de que o caminho institucional era o melhor jeito de lidar com o que tava acontecendo com ele.

Ana Maria: Pedro passou a ir ao Ministério Público.

Tailane Muniz: no Ministério Público, tanto em Tucano quanto em Salvador ele considerava, segundo dona Ana, a única possibilidade. Porque ele percebia que a Polícia Civil de Tucano, não ia tratar ele como alguém que precisava de auxílio, mas que ia prestar apoio aos policiais responsáveis por aquelas inúmeras abordagens.

Ana Maria: Mas ele registrava, dizia: "Todas as vezes que eles me abordarem, eu vou no Ministério Público". E ele fazia questão de pegar a cópia. E aí ele ficava acumulando.

Tailane Muniz: Ele cita os nomes dos policiais...

Ana Maria: Na minha mão, tem umas sete denúncias de Pedro no Ministério Público. Ele contando com riqueza de detalhes tudo o que ele sofria. Os xingamentos: "Um vagabundo maconheiro como você não tem moral nenhuma para falar de paz". E as ameaças de morte: "Aqui não está bom para você? Vai para Salvador", "Da próxima vez que eu lhe pegar, vou lá vou quebrar suas pernas".

Tailane Muniz: Só que nunca – as coisas nunca caminharam e chegaram, por exemplo, nos policiais serem ouvidos e tal.

Ana Maria: Esses policiais nunca foram chamados pelo Ministério Público. Nunca.

Tailane Muniz: Então sempre ficou naquilo.

Branca Vianna: Como as vias institucionais não tavam fazendo efeito, o que sobrava pro Pedro era a rua. As Caminhadas da Paz aconteciam todo ano. Já tinham virado parte do calendário de Tucano – como são até hoje.

Ana Maria: Pedro foi pioneiro em Tucano, porque Pedro acho que foi o único que se levantou contra a violência da polícia em Tucano.

Tailane Muniz: Aguiar, ele fala o jovem aqui ele não se expressa, ele não tem espaço para expressar. E Pedro era o ponto fora dessa curva.

Ana Maria: E foi daí que eu e a nossa família– abri os olhos, entendeu? Porque enquanto não chega na gente, a gente, é como se não enxergasse.

Branca Vianna: A Ana Maria deu vários exemplos pra Tailane do tipo de abordagem que era corriqueira em Tucano. E que muitas vezes não ficava só na abordagem violenta.

Ana Maria: Tinha menor, 20 anos, 17... Tinha um que já tinha até filho, tinha trinta e poucos anos, era o mais velho. Ele foi tirado de dentro de casa, na frente dos filhos pequenininhos. No passeio da casa, ele foi fuzilado na frente das crianças.

Branca Vianna: E as vítimas – quem sobrevivia – acabavam se aproximando do Pedro.

Ana Maria: Eles vão pra caminhada, sabia? Os filhos desse rapaz, todos grandinhos já. Isso foi em 2015.

Branca Vianna: Só que enquanto quem tava na mira da polícia chamava a passeata de "Caminhada da Paz" – esse era o nome oficial do evento, "Caminhada da Paz"... – a polícia de Tucano lia isso como afronta.

Ana Maria: A Polícia Militar de Tucano sempre se referiu à Caminhada da Paz como "uma passeata contra a polícia".

Tailane Muniz: A polícia deu pra caminhada um caráter de "caminhada contra a PM", "caminhada contra a PM".

Branca Vianna: A gente sabe bem o que que é "paz" pra alguns setores das forças de segurança no Brasil. Pra essa banda da polícia, ir pra rua pedindo o fim da violência nas abordagens, nas operações, vai ser sempre um ataque.

Ana Maria: ... e Pedro – as pautas de reivindicação das caminhadas de Pedro – não era só violência policial. O sonho de Pedro era formar uma ala na caminhada, uma ala dos gays e das meninas lésbicas que tinha lá. Ele fazia faixas contra a violência contra a mulher, o trabalho infantil, e a homofobia. Então, eram várias pautas. Até a violência no trânsito abordavam na caminhada.

Davi: Aí se a polícia acha que isso é ser contra a polícia, aí eu não sei.

Tailane Muniz: De alguma maneira, Aguiar entendia aquilo como uma coisa tipo olha isso, "esses caras vão ficar com muita raiva, esses caras estão mostrando que eles estão com raiva, você não vai conseguir lidar com isso".

Branca Vianna: E daí, em 2015, aconteceu um episódio em Tucano.

Tailane Muniz: um episódio em Tucano que ficou conhecido como uma chacina de Tucano, que foi uma coisa que Pedro se envolveu muito também. [...] Um policial foi assassinado em Caldas do Jorro, aquela cidade que fica a dez quilômetros de Tucano e é mais turística.

Ana Maria: Era noite de São João.

Tailane Muniz: E meia hora depois, segundo os relatos, eles começaram a invadir casas, sobretudo na região mais pobre de Tucano, nas periferias de Tucano.

Ana Maria: Inclusive no bairro onde Pedro morava.

Tailane Muniz: E lá eles invadiram muitas casas.

Ana Maria: Alguns eles torturavam.

Tailane Muniz: Uma dessas casas eles mataram cinco jovens.

José Aguiar: Matavam mesmo. Foi através disso aí dessa morte desse policial que eles começaram essa chacina.

Tailane Muniz: Pedro conhecia os cinco jovens.

Ana Maria: Pedro só faltou adoecer com isso. Ele ficou assim quebrado mesmo, quebrado. E chamava a família para poder ir junto: "eu levo vocês em Salvador, tem que denunciar isso". Eles: "Não..." O pessoal de Tucano... É muito medo, muito medo mesmo.

Branca Vianna: E não é que a coisa parou com a chacina. Algumas pessoas relacionadas às vítimas passaram a ser ameaçadas. O Pedro Henrique tava especialmente preocupado com uma garota.

Tailane Muniz: E Pedro, ele queria ajudar a tirar a menina de Tucano, porque ela passou a sofrer ameaças também depois da morte do namorado.

Ana Maria: Pedro se juntou com uma pessoa de São Paulo e tirou uma moça de lá de Tucano.

Branca Vianna: Deu certo, o Pedro conseguiu ajudar a moça a ir embora de Tucano... mas e ele? Ele nunca tinha saído da mira da polícia desde aquela primeira abordagem – e ele sabia que boa parte da polícia entendia as Caminhadas da Paz como uma afronta.

Ana Maria: "Pedro, tá vendo o risco que você correu? Esses caras invadindo as casas, de noite. Quem garante que não ia invadir a casa de seu pai para lhe matar?" Porque eles aproveitam essas noites assim... de chacina.

Branca Vianna: Só que o Pedro não queria ir embora. Ele sentia que ele tinha uma missão em Tucano, ainda mais agora, depois da chacina. O foco das Caminhadas da Paz era cada vez mais centrado na violência policial... e as abordagens iam ficando ainda mais frequentes e agressivas.

Tailane Muniz: E aí Aguiar fala. "Você é uma pessoa só..."

José Aguiar: Eu falava com ele para ele não defender os outros – defendesse o lado dele e procurasse sair.

Tailane Muniz: "... você quer lutar contra o sistema inteiro, não tem como."

José Aguiar: Porque eu sei o que é o sistema. O sistema não perde para ninguém. A não ser que essa pessoa seja muito influente e olhe lá! O sistema é bruto, entendeu?

Branca Vianna: O Pedro sentia que ir embora de Tucano era se render. E, afinal, se ele não tava fazendo nada de errado, não fazia sentido ir embora, fugir...

José Aguiar: E aí... Ele não me ouvia.

Branca Vianna: Pro Pedro, ir embora de Tucano era fazer exatamente o que a polícia queria que ele fizesse.

Tailane Muniz: Esses policiais continuaram perseguindo o Pedro e continuaram agindo pra nesse, né, sob essa perspectiva de fazer com que ele fosse embora de Tucano.

Branca Vianna: Cada abordagem parecia uma reencenação daquela primeira violência, lá de 2012. Uma tentativa de mandar o mesmo recado. De que aquele não era o lugar dele.

Tailane Muniz: Porque a figura de Pedro ali representava uma pessoa que eles nunca deram de cara, ali, em Tucano. Uma pessoa que era muito combativo, que confrontava eles, enfrentava eles. Só que Pedro a cada abordagem, Pedro se sentia mais corajoso de continuar. E aí esse tenente que é o primeiro, a primeira pessoa que desencadeia essa série de abordagens violentas, ele foi transferido para Euclides da Cunha, que é um outro município ali perto da região. Depois que Alex é transferido, outro grupo de policiais, outra guarnição de PMs assume aquele lugar de abordagens.

Branca Vianna: O Alex Andrade foi transferido, foi embora de Tucano... mas a coisa não mudou. Até que um dia...

Tailane Muniz: Até que um dia invadiram a casa dele.

Ana Maria: Foi em 26 de outubro de 2018. Era praticamente a véspera da eleição do segundo turno, que deu vitória a Bolsonaro. Era 26, a eleição ia ser 28. Era de noite, eu vi Pedro fazer uma publicação na rede social dele. Ele fez: "Policiais militares estão invadindo várias residências no bairro Nova Esperança, dando um tapa no rosto de mãe de família e quebrando, quebrando porta". Aí eu cheguei lá no Messenger com ele e falei: "Pedro, eles estão aí. Eles estão aí no bairro. Eles vão bater na sua porta". Aí ele: "Não, eu não estou fazendo nada de errado".

Branca Vianna: A Tailane disse que os policiais “invadiram” a casa do Pedro, e ela tá sendo bem precisa: eles não tinham mandado de busca e apreensão, não tinham nada. Eles foram entrando na casa do Pedro – que a essa altura tava morando sozinho, já não morava mais com o pai.

Ana Maria: 15 minutos depois que eu conversei com ele, o pai dele me ligou e disse: "Pedro foi preso". Tá aqui, a polícia tá aqui na casa dele...

Tailane Muniz: Ele já tinha sofrido diversas abordagens, mas nunca tinham conseguido encontrar nada que incriminasse ele.

Ana Maria: Vão levar ele.

Tailane Muniz: invadiram a casa dele, e Ana Maria relata isso, e encontraram cinco pés de maconha dentro da casa dele.

Ana Maria: Acharam cinco pés de maconha no quintal dele

Branca Vianna: Cinco pés de maconha. Tudo que envolve drogas é complexo, desperta discussões acaloradas, argumentos que passam por vários caminhos emocionados, então vamo focar na legislação aqui. Sobre o que é que significa legalmente ter cinco pés de maconha plantados em casa.

A lei mais recente que a gente tem sobre isso no Brasil é a Lei de Drogas, de 2006. Ela é uma lei que não faz distinção objetiva entre quem é usuário e quem é traficante.

O que o texto da lei diz é que cabe ao juiz decidir se a pessoa enquadrada é usuária ou traficante com base nos seguintes critérios:

- o tipo e a quantidade de droga,
- o local e as condições da ocorrência,
- e o perfil do acusado: as circunstâncias sociais e pessoais, a conduta e os antecedentes dele.

Claro que nesse julgamento mora um mundo, né?

É uma decisão que tem muito de subjetiva.

Se o juiz entender que o acusado é traficante, a pena pode ser de 5 a 15 anos de prisão. Agora, se o juiz entender que o acusado é usuário, a pena é muito mais leve: uma advertência sobre o uso de drogas, e no máximo 5 meses de prestação de serviços comunitários – dez, se acontecer de novo.

Agora: se o acusado for flagrado com um baseado no bolso – ou, sei lá, com uma pedra de crack, ou com um comprimido de ecstasy... ou se encontrarem um pé de maconha na casa dele, tanto faz: é crime do mesmo jeito. E cabe ao juiz interpretar se a droga – ou a matéria-prima, no caso, a planta – é pra uso pessoal ou não.

Nesse momento, enquanto a gente tá gravando esse episódio, tá correndo no Supremo Tribunal Federal uma ação da Defensoria Pública que argumenta que o porte ou o plantio de drogas pra uso pessoal tão protegidos pela Constituição – mais especificamente pelo artigo 5º, que diz que a vida privada e a intimidade são direitos invioláveis. Ou seja: se o Supremo acatar a ação da Defensoria, ser usuário de maconha deixa de ser crime no Brasil. Mas voltando ao Pedro Henrique, e a 2018.

Tailane Muniz: E aí levaram ele preso. Ele foi enquadrado dentro daquele código ali de traficante e ele foi preso.

Ana Maria: O delegado autuou ele por tráfico.

Branca Vianna: Enquanto o Pedro Henrique tava preso, a guarnição botou pra quebrar na casa dele. Literalmente.

Ana Maria: Quebrou, quebrou a casa de Pedro toda, toda, toda, toda quebrada. Disse que procurando droga e arma não acharam nada, mas quebraram a casa toda.

Branca Vianna: E o caso do Pedro, como em todos os casos de flagrante por porte de drogas, ficou a cargo do juiz decidir se ele era traficante – como os policiais tinham autuado – ou usuário.

Tailane Muniz: O juiz decidiu que ele teria que ser enquadrado como usuário, porque aquilo não configurava tráfico de drogas.

Ana Maria: O juiz derrubou o flagrante, porque disse que não tinha circunstância de tráfico ali, de mercância de droga, não tinha nada. Eram os pés que ele tinha no quintal. E aí desqualificou o crime de tráfico, botou para o usuário e liberou ele.

Tailane Muniz: Então, Pedro, ele foi solto. Ele era apenas um usuário de maconha.

Branca Vianna: O Pedro começou a fumar maconha dentro de casa, com o pai.

José Aguiar: Eu criei meus filhos sem... sem, como é que fala, assim, aquela coisa de família radical, de educação, nhenhenhem... ó não permiti na minha vida de filho roubo, nem roubo, nem homicídio, isso eu não permito de maneira alguma na minha família, que algum deles roube. Isso eu acho vergonhoso. Eu o resto, de fumar um baseado. Que é que tem? Eu sempre fumei maconha. É proibido falar?

Tailane Muniz: Não... ?

Tailane Muniz: Ele não escondia aquilo de ninguém, ele era um cara que defendia mesmo a descriminalização e tal.

Branca Vianna: Lembrando que defender a mudança de uma lei não é crime. Mas, enfim, o Pedro foi solto...

Ana Maria: Ele saiu de lá domingo. Ele saiu sem identidade, pegou carona e chegou em Tucano. E aí ele disse que ainda votou, viu?

Tailane Muniz: Então ele foi solto e tudo bem.

Ana Maria: E aí essa liberação do juiz. E ainda dizendo que cabia processo contra eles por invasão de domicílio, por abuso de autoridade, sabia. E aí foi que a gente sentiu o ódio desses caras. Ficaram no ódio porque não deu certo a prisão de Pedro, entendeu?

Branca Vianna: Depois de ter sido preso, de ter a casa destruída pelos policiais... o Pedro pela primeira vez começou a pensar em dar um tempo de Tucano.

Ana Maria: Ele queria fazer uma viagem para São Paulo e dar um tempo lá. Já tinha a pessoa certa que ia orientar ele. Ele queria tomar um curso para se aprimorar.

Branca Vianna: Mas ele não queria ir embora de Tucano sem antes fazer a Caminhada da Paz daquele ano, 2018.

Ana Maria: E aí ele disse: 'Mãe, mas eu vou fazer logo a caminhada'

Branca Vianna: Teve música, criança com balão, faixas...

O foco dessa caminhada foi ainda mais incisivo contra a violência da PM.

Pedro Henrique: *É até difícil se expressar, a gente sabe como é, o pessoal vive a lei da mordança, a maioria tem medo de abrir a boca, não conhece os seus direitos.*

Branca Vianna: Esse é o Pedro Henrique, num vídeo da Caminhada de 2018 que a gente colocou lá post desse episódio no site da Rádio Novelo.

Tailane Muniz: Ele citou 50 nomes de jovens mortos nos últimos seis anos.

Pedro Henrique: *Tenho aqui uma lista de sete anos de chacina, de dizimação, de extorsão: José Raimundo, do Matadouro. Neilton. Nadinho. O Nilo. O Ricardinho. Nilo Ricardo*

Tailane Muniz: Foi uma caminhada em que os policiais, eles apareceram, eles intimidaram as pessoas de alguns em algum nível...

Ana Maria: As faixas já estavam organizadas no chão. A viatura passou por cima das faixas, pelo meio do cortejo e fez a volta. Nunca tinha acontecido isso, não.

Pedro Henrique: *Os nossos mortos têm voz, e estamos aqui hoje caminhando por todos eles. Samuel, Antônio Bastos, Batatão. Didi. Deda. Cotia.*

Ana Maria: E quem estava no volante é o Sidiney Santana.

Branca Vianna: Sidiney Santana – que, lembra? –, tinha sido indiciado lá atrás, em 2012, por agressão ao Pedro Henrique no ponto de ônibus, junto com o Alex Andrade... e que também tinha sido condenado a pagar mil reais de multa.

Pedro Henrique: *(cont.) China. Zé Rubem. Alaion. A Ruby, que também era do movimento LGBT...*

Branca Vianna: Esse episódio de truculência policial em plena Caminhada da Paz fez o Pedro sentir que ele não podia ir embora ainda. Na noite de 27 de dezembro de 2018, ele telefonou pra mãe dele.

Tailane Muniz: falou pra mãe que ele tinha tido uma ideia...

Ana Maria: Ele me falando que ia instalar uma câmera na casa de um menor, que a polícia já tinha invadido três vezes...

Tailane Muniz: Pra flagrar os policiais. Aí a mãe dele falou assim...

Ana Maria: E aí até eu falei: "Pedro, cuidado, não se exponha".

Tailane Muniz: Aí ele: "Não, a gente vai instalar uma câmera na casa de Robson", que é um adolescente que também frequentemente sofria essas

agressões. E ele comentou com a mãe nesse mesmo momento, que ele estava com a impressão de que o celular dele tinha sido grampeado, porque ele ficava ouvindo barulhos no celular. E a mãe dele ainda repreendeu ele. "Nossa, mas você acha que foi grampeado e está me dizendo que vai instalar câmeras na casa de Robson? Isso é perigoso, Pedro", e tal.

Ana Maria: Eu digo: "Pedro, é que Tucano é pequena, todo mundo sabe onde você tá, todo mundo sabe o que você tá fazendo". E a gente se despediu, e ele disse que estava muito cansado, que tinha passado o dia todo tatuando.

Tailane Muniz: E aí eles desligaram.

Branca Vianna: O que aconteceu depois, naquela mesma madrugada, quem contou pra Tailane foi o pai do Pedro. O José Aguiar morava na mesma rua, a poucos metros da casa do filho. Ele foi acordado por um barulho.

José Aguiar: Quando eu ouvi o baque na porta, eu achei até que era uma brincadeira de meu cunhado trazendo a irmã dele lá de Salvador. Era umas 2h, 2h30 da manhã.

Tailane Muniz: Agora tem grade, mas não tinha antes, então era uma porta simples de madeira que foi arrombada. Ele tava dormindo na parte de cima do imóvel, e aí ele disse que quando acordou e abriu os olhos, só viu uma luz forte de lanterna apontada pra ele e dois homens perguntando

José Aguiar: "Queremos Pedro". "Cadê o Pedro?". "Sabemos que ele está aqui, mas não sabemos a casa. Bora!"

Tailane Muniz: Ele disse que tentou mudar de assunto, dizer que Pedro estava em Salvador... por que que eles queriam falar com Pedro...

José Aguiar: Tentei dissimular, falar alguma coisa, mas não adiantou.

Tailane Muniz: Mas eles puxaram ele com violência já e falaram "Não, a gente sabe que ele está aqui, a gente só quer que você mostre qual é a casa".

José Aguiar: Isso me deixou muito assim... desnordeado na hora, eu não sabia o que fazer.

Tailane Muniz: Eles estavam encapuzados?

José Aguiar: Tudo! Paramentado. Parecia até que tinha algum confronto.

Tailane Muniz: E aí desceram com ele. Aguiar mora a mais ou menos 50 passos da casa de Pedro, então é muito perto. Ele desceu com os homens...

Branca Vianna: Os homens armados empurraram o Aguiar escada abaixo e levaram ele pra rua.

José Aguiar: Me obrigaram a levar lá.

Tailane Muniz: E ele chegou, foi até a porta, apontou...

José Aguiar: eu achava que ia morrer.

Tailane Muniz: Aí quando ele disse que ouviu os caras falando "Vai, pode ir". Ele percebeu que eles não queriam matar ele próprio.

José Aguiar: não estavam a fim de me matar.

Tailane Muniz: Então ele subiu, pegou o celular... só que ele disse que até pensou, em gravar do alto de casa. Então ele desceu com o celular.

José Aguiar: Desci com o celular para filmar quando eles passassem. Eles tomaram o celular da minha mão e foram embora. Eu não tive uma prova que eu queria fazer.

Branca Vianna: A gente sabe o que aconteceu dentro da casa do Pedro porque ele não tava sozinho lá quando os homens encapuzados chegaram.

Tailane Muniz: A namorada estava no quarto com ele, estavam dormindo. E ela contou para o resto da família que eles pisaram com o coturno sobre a cabeça dela e xingaram ela de muitos nomes. E disseram para ficar calada, olhar para baixo. Só que ela ouviu as vozes e ela observou muito o tipo físico deles. E ela sempre esteve presente nas abordagens que Pedro sofreu. E teve uma coisa que chamou a atenção dela no momento da morte do assassinato foi que eles falaram: "Você está preso, rasta!"

José Aguiar: "Esteje preso, rasta".

Tailane Muniz: E só eles, segundo a família, chamavam Pedro de "rasta", na cidade falavam que aquele era o vulgo de Pedro, "rasta". Ele estava de cueca, ele chegou a vestir um short, que era, inclusive, segundo Ana, o short preferido dele, que tinha umas estampas de aroeira. E aí Pedro chegou a colocar a mãos, as mãos sobre a cabeça,

Branca Vianna: As mãos na cabeça, como ele teve que se acostumar a fazer, nas abordagens.

Tailane Muniz: E aí ele não teve tempo pra falar nada. Ele só vestiu, colocou as mãos sobre a cabeça e já começou a ser baleado. E aí eles dispararam...

Branca Vianna: O Pedro foi executado com oito tiros, todos na cabeça e no pescoço. Ele tinha 31 anos.

A Ana, a namorada do Pedro, preferiu não falar com a Tailane pra essa reportagem. Mas, no inquérito que investiga a morte dele, ela disse que não tinha dúvida de quem eram os homens encapuzados.

Tailane Muniz: Eles foram reconhecidos no mesmo momento pela namorada de Pedro, à época. Eles mataram Pedro e pouco depois eles já estavam lá de novo na cena do crime. Já lá enquanto policiais, viatura, farda. E aí ela teve que posteriormente dar o depoimento dela. Ela disse que reconheceu os policiais pelo tom de voz, por chamar Pedro de “rasta” e pelo tipo físico...

Branca Vianna: Segundo ela, eram os mesmos PMs que tinham abordado eles inúmeras vezes por seis anos, desde o primeiro espancamento, em 2012.

Tailane Muniz: Ela reconheceu os três assassinos como sendo policiais.

José Aguiar: E, logo depois que executaram meu filho, eu mandei a namorada dele ficar lá, porque eu não aguentava ficar – e também muito medo que eu tinha, pra falar a verdade. Ela era mais destemida do que eu. No entanto, eles intimidaram a menina. Eles mexeram na cena do crime... Então, eu acho que a polícia não preservou a cena do crime. Ela veio desmanchar tudo para dificultar a investigação.

Tailane Muniz: Ana Maria estava em Salvador. E aí ela só teve a notícia por volta de 3 horas da manhã. E aí ela relata que Mariana chegou...

Branca Vianna: Mariana é a filha mais nova dela e do Aguiar, irmã do Pedro.

Tailane Muniz: ... e só entregou o celular para ela ...

Ana Maria: Eu sei que a única coisa que eu fiz foi ir no quarto, arrumei a bolsa e cheguei na sala e disse: "Vamos". Eu não consegui derramar uma lágrima no dia. Depois, até consegui, mas no dia... aí cheguei na casa dele e a namorada dele já tinha lavado tudo, estava tudo limpinho, não tinha nada, não vi sangue, não vi nada. E também eu não vi Pedro no caixão. Não quis. É isso.

Branca Vianna: Nos dias em que a Tailane ficou em Tucano, ela passou boa parte do tempo na casa do José Aguiar, o pai do Pedro.

Ela me disse que a casa dele virou um ponto de encontro dos amigos do Pedro, que vão lá pra ouvir música, jogar conversa fora... e pra tentar também distrair um pouco o Aguiar do peso de ter perdido o filho – ainda mais do jeito que foi.

A Ana Maria contou pra Tailane sobre como o Aguiar ficou por ter sido obrigado a apontar a casa do filho.

Ana Maria: Ele se culpa até hoje. 03h da manhã ele acorda. Ele não dorme mais. Cinco anos já. Por mais que a gente converse que. Único... quem tem culpa nisso? Quem é? Os criminosos. A gente... nós somos vítimas. Mas ele diz que vai carregar isso pelo resto da vida. Eles usaram o pai de Pedro, pra... porque, assim, eles matam na bala e também mata dessa forma. Porque é matar uma pessoa, você fazer isso, forçar um pai a mostrar onde o filho tá para ser morto. Eles achavam assim: primeiro eles achavam "Pedro lá de Salvador". Eles achavam, primeiro, que a gente traria o corpo de Pedro para cá. Eles queriam apagar, apagar a história de Pedro, apagar Pedro da vida de Tucano. Mas a gente enterrou Pedro lá. O mausoléu do Pedro está lá. E o pai de Pedro não saiu de lá. E eu falei com o pai de Pedro: "se você sair, se você for embora, você vai vir para cá, pra minha casa, e eu vou para aí, porque eu vou morar aí. Não vai fechar a casa, não, entendeu?"

Branca Vianna: Você falou lá atrás que tinha um rapaz chamado Robson na casa de quem o Pedro queria botar uma câmera. Que é que aconteceu? Quem é o Robson e o que aconteceu com ele?

Tailane Muniz: Robson, um adolescente de 17 anos que Pedro conheceu ele ainda criança. Ele frequentava as caminhadas desde criança,

Ana Maria: Ele era pequenininho. Pedro tinha um amor assim por ele. Por causa disso, ele cresceu indo para a caminhada.

Tailane Muniz: No ano em que Pedro foi assassinado, Robson tinha 17 anos. Ele também já tinha tido a casa arrombada em circunstâncias parecidas, Ana Maria relata que eles estavam no velório de Pedro, quando receberam a notícia de que Robson tinha sido baleado. Robson foi baleado, foi socorrido pro hospital e ele sobreviveu a essa situação. Na época, disseram que – a polícia disse que ele trocou tiros com a polícia e ele sobreviveu.

Ana Maria: Aí a mãe tirou o menino da cidade e levou para um povoado de uma cidade vizinha, Banzaê...

Tailane Muniz: Ele foi levado para lá para ficar com familiares, justamente porque a mãe achou que estava inseguro para ele ficar lá depois da morte de Pedro, depois do tiro que ele tinha sofrido. Quando foi em janeiro, dias depois da morte de Pedro, dia 6 de janeiro, Robson foi assassinado numa comunidade quilombola próximo à cidade de Tucano nas mesmas circunstâncias, homens encapuzados invadiram uma casa e mataram Robson, que tinha 17 anos, com vários tiros na frente de primas e tias nessa comunidade quilombola.

Ana Maria: Tiraram a prima, a tia e mataram ele dentro de casa mesmo.

Tailane Muniz: E Ana Maria faz uma ligação direta entre os casos. Só que Ana não teve mais contato. Ela diz que chegou a falar com a mãe dele depois, mas que depois não teve mais notícias, que não sabe assim da família dele. Mas Robson foi um dos jovens que foi morto depois da morte de Pedro, dias depois.

Branca Vianna: O Robson e o Pedro acabaram entrando pruma estatística infame. Ao longo dos últimos anos, a Bahia tem sido, de longe, o estado com o maior número de jovens mortos por armas de fogo no Brasil.

E os dados de Tucano são ainda mais graves, mesmo dentro de um estado com esse histórico.

A Tailane conseguiu individualizar, dentro do Atlas da Violência – que é um estudo nacional –, os dados de Tucano. E ela comparou com cidades baianas do mesmo porte e com IDH semelhante.

Sempre entre 2012, quando o Pedro chegou a Tucano, e 2018, quando ele foi morto. E com a faixa etária do Pedro, entre 15 e 29 anos.

Olha o que ela descobriu olhando esses dados:

Em Macaúbas, cidade mais distante, e com o mesmo tamanho e IDH, foram 2 jovens mortos com armas de fogo entre 2012 e 2018.

Já em Monte Santo, cidade vizinha e do mesmo tamanho, foram 18 jovens nesse período.

E agora olha Tucano: foram 46 jovens mortos por armas, entre 2012 e 2018. Mais do que o dobro, quase três vezes mais.

José Aguiar: Esses caras, não é a primeira vez. Esses caras são famosos aqui por matar gente, matar ladrãozinho de galinha, matar alguém que roubou 10 centavos ali, matar algum desafeto que eles não gostam... Esses caras estão acostumados. Eles são famosos aqui. E a polícia não sabe? É grupo de extermínio, pô.

Branca Vianna: O processo que apura o assassinato do Pedro Henrique seguiu a mesma toada de todas as investigações que envolvem violência policial nessa história.

Tailane Muniz: O inquérito do caso de Pedro vai ter muitas idas e vindas. Polícia Civil, Ministério Público, Polícia Civil, Ministério Público, que é um caminho normal até certo ponto, mas que passou muito tempo nesse percurso de ir e vir.

Ana Maria: Gente, o crime de Pedro, esse crime da morte de Pedro, era uma coisa para ser solucionada rápido. Olhe, ela, eu e o pai de Pedro, a gente foi ouvido primeiro. Tipo assim, 12, 14 de janeiro, a gente foi ouvido na delegacia.

Branca Vianna: Janeiro de 2019 mesmo, dias depois do crime.

Ana Maria: Em abril, os policiais não tinham sido ouvidos. Eles são vizinhos, não tinham sido ouvidos. Quatro meses depois do crime? Por que, gente?

Branca Vianna: E o processo seguiu assim, aos trancos e barrancos.

Ana Maria: todas denúncias do Ministério Público, eu juntei lá as denúncias, juntei várias coisas, ameaças de policial. O delegado pediu as câmeras. Até hoje nunca deram as câmeras. Esse inquérito ficou passeando do fórum pra delegacia, do fórum para a delegacia. Anos, anos. Virou uma peteca. O inquérito virou uma peteca.

Branca Vianna: E aí a Ana Maria fez o que muitas mães de filhos assassinados têm que fazer: na falta de uma instituição que fizesse por ela, ela virou especialista no processo do filho.

Ana Maria: O delegado que assumiu esse inquérito, era um delegado novo. Logo em fevereiro, no mesmo ano, ele pediu a quebra do sigilo telefônico e telemático dos policiais. Ó: 19 de fevereiro ele encaminhou ao juiz esse pedido. 20 ele foi exonerado. 20 ele foi exonerado. É brincadeira? A gente foi ser informado em fevereiro deste ano, 2023, que o juiz deu a quebra do sigilo, o juiz autorizou e nunca foi feita. Faltou o chão quando eles disseram para gente que o juiz autorizou, naquela época. E aí, sabe o que o Ministério Público disse pra gente? Que o delegado falou que não viu, não, essa autorização. Que não tomou conhecimento dessa autorização.

Pelo amor de Deus! É coisa que se perdeu, provas que se perderam, que não vai ter mais, não vai ter mais.

Branca Vianna: É um processo tão cheio de falhas óbvias que não podia dar em outra coisa, né?

Tailane Muniz: Os algozes do filho dela nunca foram responsabilizados por isso.

Branca Vianna: Não é que o inquérito nunca apontou pra participação de PMs na morte do Pedro. Três pessoas foram indiciadas: os policiais militares Sidiney Santana, Bruno Montino e José Carlos Dias.

Sidiney é aquele que a família do Pedro acusa de várias intimidações ao longo dos anos.

“Indiciados”, ok: então tem indícios de que esses policiais participaram do crime.

Mas foi um processo tão ineficaz que ninguém nunca foi punido. Ninguém nunca foi julgado, condenado, nada.

A Tailane bem que tentou falar com todas as instituições que investigam a morte do Pedro Henrique, mas nem o Ministério Público da Bahia, nem a Polícia Civil, nem a Polícia Militar quiseram dar entrevista pra ela.

Cada uma mandou uma resposta por nota oficial.

A PM disse que “o caso está sendo apurado pela corregedoria-geral”.

A Polícia Civil disse que “cumpru as diligências solicitadas pelo Ministério Público”.

E o Ministério Público disse que “esgotou todas as diligências e que resta analisar o material”.

O MP disse também que “não há um prazo definido e que vai se posicionar sobre isso em breve”.

Tailane Muniz: Ou seja: a família de Pedro não tem perspectiva nenhuma de quando terá uma resposta para isso, ainda que seja o arquivamento do caso, que nem isso aconteceu.

Branca Vianna: Vai fazer cinco anos que o Pedro foi assassinado. E ninguém foi responsabilizado ainda.

Tailane Muniz: Eles continuam vivendo em Tucano, eles continuam servindo ao Estado. Eles continuam na polícia.

Ana Maria: E a vida dele segue normalmente. Nunca foram afastados, nunca foram afastados.

Branca Vianna: O que não segue normalmente é a vida da Ana Maria. Na vida dela, aí sim, esse caso teve um desdobramento jurídico importante.

Tailane Muniz: Em paralelo a isso, há o fato de Ana Maria ser uma mãe, ser uma mãe mulher negra, que foi processada em três municípios diferentes.

Branca Vianna: A Ana Maria. Processada.

Processada pelos próprios policiais acusados de matarem o filho dela.

Tailane Muniz: Ela foi processada em Salvador. Ela foi processada em Euclides da Cunha, e ela foi processada em Tucano...

Branca Vianna: Processada em três cidades diferentes, pra ela ter que ficar viajando de fórum em fórum, pra se defender.

Tailane Muniz: ... processada seis vezes – três no nível cível, e três processos criminais.

Branca Vianna: Mas ela foi processada, acusada de quê?

Tailane Muniz: De injúria, de atentar contra a reputação desses policiais, sobretudo por meio dos – dos posts que ela fez e continua fazendo na internet. Ela reagiu assim desde o início, com muita surpresa, porque as publicações que ela faz até hoje ela não cita nomes, ela não nomeia esses policiais. Ela atribui a morte de Pedro à polícia, mas ela não cita nomes.

Branca Vianna: Pra Anistia Internacional, que acompanha o caso do Pedro Henrique – e também o da Ana Maria – o objetivo dos processos é “constranger, intimidar e criminalizar sua luta diária”.

O fato dos processos terem sido ajuizados em cidades diferentes, pra Anistia, tem – abre aspas – a “clara intenção de dificultar a defesa de Ana Maria e cansar e esgotar seus recursos”.

Quatro desses processos já foram extintos.

Dois tão ativos, em fase de recurso e instrução.

Quem faz a defesa da Ana Maria é a Defensoria Pública do Estado da Bahia.

Tailane Muniz: Então, ela, além de fazer essa frente de luta por justiça, pela morte e assassinato do filho, ela precisa também dar uma atenção para esses processos que ela responde. Mas ela hoje já atribui isso a uma tentativa de silenciamento, mesmo, dela. Ela não tem medo. Ela não sofre ameaças hoje que façam com que ela, por exemplo, deixe de ir a Tucano ou que ela ande livremente pelos lugares. Eles convivem com isso de um jeito que eu nem sei, eu tenho uma dificuldade até de entender como que dona Ana administra isso. Eles vivem tranquilamente nesse sentido. Eles não têm medo.

José Aguiar: Como você falou naquela hora: "Tem medo de morrer?". Naquele dia, eu tive. Hoje, eu não tenho mais não. Eu gostaria até que fosse incomodado por eles na rua. E se ele me abordasse hoje, na rua? Eu ia dizer tantas coisas a eles. "Agora você pode me matar, que eu não tenho mais medo não". Mas não tive nenhuma intimidação depois disso, depois do fato. Eles não me incomodam em nada. Eu passo na rua, eles nem olham para mim.

Apesar de ser meu filho... Você sabe que pai e filho sempre têm divergências, né? Ele se parecia muito comigo. Eu sou um cara que também não bate muito bem da cabeça... Não sou brigão e valentão igual a ele. Mas, eu falo destemido igual ele era.

Tailane Muniz: O senhor admirava muito ele. O senhor sempre fala dele com muita admiração.

José Aguiar: É, hoje eu falo porque não tenho ele aqui. Falar a verdade: eu tenho ele aqui perto de mim para ele me aporrinhar. Mas, ele era... Ave Maria. Era meu companheiro. Eu tenho certeza que ele seria meu companheiro, apesar das nossas brigas.

Ana Maria: E aí um dia o pai de Pedro perguntou: 'E se o Ministério Público não conseguir denunciar eles?' Ainda hoje não ofereceu denúncia. O que a gente vai fazer? Aí eu falei pra ele, a gente continua, Aguiar, lutando. A gente continua o que tiver dentro da nossa possibilidade. Tem que fazer assim. Aí ele olhou pra mim e falou: "Até quando?" Aí a pergunta dele me pegou... e eu falei: "Não sei. Eu não sei".

Branca Vianna: Essa história foi apurada pela nossa colaboradora Tailane Muniz e foi apoiada pela Anistia Internacional. A Anistia Internacional é um movimento global com mais de 10 milhões de pessoas, que realiza ações e campanhas em mais de 150 países para que os direitos humanos internacionalmente reconhecidos sejam respeitados e protegidos. Você pode saber mais em anistia.org.br

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Depois de desligar aqui, você pode visitar a página do episódio no nosso site pra saber mais sobre o caso do Pedro Henrique dos Santos Cruz.

Quando você tiver no nosso site, aproveita pra assinar a newsletter do Rádio Novelo Apresenta, que chega toda semana junto com o episódio, e traz uma dica cultural de alguém da equipe.

E se você quiser mandar uma sugestão de história pra gente, vai lá numa seção do site onde diz "envie uma pauta", que tá explicado direitinho como fazer.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini.

Nesse episódio, a gente usou música original de Stela Nesrine e Amon Medrado e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Brigada, e até a semana que vem.